

REVISTA AZUL

DIRETOR PROPRIETARIO: JULIO PERNETTA—REDACTOR: DARIO VELLOZO

Publica-se duas vezes ao mez. Os originaes remettidos á Redacção não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados. Assignaturas trimestraes: Capital 2\$000; Fora da Capital 3\$000. Pagamento adiantado.

Escritorio e Redacção: Rua Quinze de Novembro N. 17

SUMARIO

O amor materno	Dr. Justiniano de Mello
A invenção do galano	A. Castilho
O mundo	Albino Silva
Na orla do abysmo	D. Marianna Coelho
D'outros ceos	Alberto Rangel
Mystica	Domingos Nascimento
Visconde de Nacar	Loencio Correia
Revista Azul	
Lirico	
Respigas	
A minha dor	Silveira Netto
Mendigo	Julio Pernetta
Perseverando	Antonio Braga
Expediente	

REVISTA AZUL

O amor materno

E

A Educação pelos instinctos

POR

JUSTINIANO DE MELLO

I

LUCTA PELAS IDEIAS MORAES

Com a inflexibilidade e a justiça que lhe brilhavam na alma e no character, S. Vicente de Paulo oppoz-se á sagração de um pretendente á cadeira episcopal. A mãe do malogrado candidato lançou á cabeça do intrepido missionario, despeitada e furiosa, um tamborête; mas S. Vicente de Paulo, enxugando o sangue que lhe manava da fronte ferida, conteve a vindicta do irmão que o acompanhava, dizendo apenas: «Vês? Não é coisa admirável ver até onde vai a ternura de uma mãe por seu filho?»

Instincto ou sentimento, faculdade ou inspiração, ao amor materno incumbem, não somente a conservação indefinida da especie, mas também o processo unico, verdadeiramente eficaz, para a regeneração progressiva do homem e da familia. Todas as reformas, todas as revoluções serão meramente exteriores, enquanto a maternidade trabalhar na sombra para afastar do caminho luminoso, da forte claridade que nos vem do futuro, os ramos ambiciosos que debalde buscam desprender-se do poderoso tronco.

Nós somos e seremos sempre nossa mãe, pelo character ou pelo engenho, pela imaginação ou pelo sentimento, pelas crenças ou pelos preconceitos. Dizer que a sciencia, que o estudo dissipa e varre do nosso espirito a poeira dourada que trazemos da infancia, é como afirmar que o nosso ouvido só percebe os ruidos estridentes, e não tem a memoria dos echos apagados e longinquo. A atmospheria em que vive o nosso espirito também tem suas vibrações, que se produzem e se prolongam através da vida, embora só tenhamos consciencia do raio ultimo, daquelle que nos fere actualmente a retina.

Discute-se as influencias, os effeitos da hereditariedade; mas não somos somente um producto, um resumo physiologico e moral dos nossos antepassados, mas também, e em boa parte, um desdobramento das pequenas impressões, dos juizos e dos actos, que foram como o primeiro ninho da nossa alma implume. As fatalidades psychologicas da mulher borrifam-nos de defeitos, de fraquezas, de misérias femininas; e bem que nos julgemos de um sexo a que nós mesmos demos a primazia, labutamos a vida inteira para achar o accento varonil da nossa indole. Everard Home pensa que a disparidade sexual não é tão pro-

funda como geralmente se pensa, mesmo nos mammiferos superiores, e que o germen humano dotado indistinctamente na origem de um ou de outro sexo, dependeria para caracterisar-se de simples accidentes como o da impregnação.

O que realmente não somos é um organismo independente e autonomo, que se move e desenvolve, perdendo ou deixando no caminho as moleculas primitivas, intellectuaes ou moraes. A nossa transformação opera-se como o crescimento das plantas endogenas, de dentro para fora; mas sempre subordinada ás condições da substancia, molle e flexivel, que se animou e aqueceu ao sopro materno. E agora podemos inquirir pela historia desse instincto ou desse sentimento, para chegarmos a esta formidavel questão: O amor materno se extinguirá na especie? Mas não devemos ficar ahí. — Perguntaremos ainda: Quando foi mais intenso o sentimento da maternidade: no presente ou no passado? Que adaptações e correctivos, que destinos lhe são consoantes para tornar-se uma força, disciplinada e util? Nenhum symptoma denuncia a decadencia, o desfalecimento, a esterilisação do amor materno na sociedade actual?

Não conviria tentar o historico do admiravel phenomeno, e mesmo fazer o balanço desse eterno activo da maternidade que imputamos ao nosso destino, como se fosse calor solar? As grandes cousas não preoccupam o homem, porque não vêm para nós, mas andam emnosco. O habitante do nosso planeta não cessaria de falar em Jupiter ou em Saturno, se lhe dissessem que esses corpos celestes chegariam á linha da rotação da terra. Os cometas perderam todo o interesse, desde que nos convençemos serem elles uma massa fluida, impropria para os choques desastrosos. A zoolatria seria impossivel entre populações que estudassem a historia natural; não porque esta altere o aspecto da observação vulgar; mas porque os animaes divinizados pelos selvagens não seriam perante a sciencia senão estocos imperfeitos do homem, ligados á nossa existencia sublimar.

Convém, entretanto, para a nossa felicidade, operar com as forças moraes, como o fazemos com as physicas. O calor, a electricidade, o movimento, não são elementos mais fecundos, mais ricos, mais indispensaveis, nas applicações da sciencia, do que o amor materno no ponto de vista da perpetuação e enobrecimento da especie. Sabemos quem descobriu a machina a vapor e o telegrapho; mas ignoramos completamente qual o homem ou a mulher que mais fizeram pelos filhos. Temos estatisticas para conhecer a maior ou menor progressão dos crimes, dos nascimentos e dos obitos, das boas ou más safras, das exportações de assucar ou de tabaco, já fundamos um observatorio astronomico, e podemos ler nos astros. Mas onde está o registro, o tomo ou o calendario de tantos sacrificios admiraveis e obscuros: de tantas virtudes ignoradas ou modestas, de tantos feitos que offuscam pelo brilho, ou rescendem fragrancia immortal? Aonde ficam os demographos da moral? Que nos contam dos phenomenos da ethica popular, — desses fermentos de decomposição lenta, nas classes superiores: dessas labaredas que nos baixos stratos sociaes consomem os residuos putresciveis das paixões egoisticas vindos das alturas?

O conde de Tolstoi disse que nos impregnamos de productos toxicos, de fumo e de alcool, para adormecermos a consciencia e escaparmos aos problemas aterradores que nos sitiavam e pedem solução. Parece que fechámos a sete chaves todos os thesouros da vida moral, que aliás não circulam no commercio das almas. Baixou ou subiu o sentimento do dever? Que dizeis da taxa da piedade, da justiça, do altruismo? Em que teares poderemos urdir o estoffo dos bons costumes? Quaes os terrenos favoraveis á sementeira do amor conjugal? Qual o nosso

stock de sympathias, de effusões carinhosas, de gosos innocentes? Quando teremos colheita de ternuras? Como importaremos a circumspecção, a altivez, a independência? Qual o preço dessas mercadorias... estrangeiras?

Perdoe-nos o leitor se empregamos a technica da praça em assumptos que não são ou não querem que sejam positivos. Temos por intuito despertar as consciências, agulhoas-las, para que reflectam nos problemas moraes, que também são os problemas sociaes do nosso tempo. Usando da gíria da bolsa e do commercio, queremos associar, irmanar questões que não se repellem: antes devem marchar unidas sob o jugo do carro da sciencia. O espirito e o corpo saíram juntos do mesmo cadinho: o chumbo e a prata que se combinaram pela fusão devem estar na moeda que representa os interesses ordinarios e permanentes da vida.

O amor materno deve ser estudado à luz da historia e da pedagogia: da historia, porque a escravidão da mulher em todos os tempos, explica o retardamento da civilização, o estiolamento das altas e poderosas ideias que difficilmente descem e se entranham na massa obscura: porque elle, apesar de confinado nos dominios da familia, foi o maior e mais constante obstaculo à transformação das instituições sociaes e politicas, à reforma das sociedades e dos governos. O instincto da maternidade soffreu sempre a acção corruptora do meio social, os effeitos da servidão, e reagindo a seu turno sobre os costumes, representa na sua physionomia inculta e selvagem o estacionamento moral do mundo moderno. O infantilismo, como tudo conduz à crer, foi a primeira repercussão no interior do lar, a primeira reivindicação violenta da liberdade feminina, aqumada pelo homem. As superstições religiosas, menos damnosas para o espirito do que para o caracter, abrolharam nessa leiva humida e agreste da maternidade, e sob a forma de despotismo politico, desfecharam sobre o passado da nossa raça o primeiro golpe mortifero. A timidez dos nossos pensamentos e dos nossos actos, a covardia que nos despe da toga viril e nos subjugava aos cuidados subalternos, aos desejos vagos e sem norte, brotou dessa primeira intimidade, somnolenta e morna, que é como um eilluvio subtil da felicidade que nos penetra e adormece.

Considerado no ponto de vista das investigações pedagogicas, o amor materno é o axioma fundamental, de que se deduzem as soluções reaes e praticas da educação. Para isto, porém, é mister que elle seja equilibrado pela reflexão, polido pela arte, depurado pelo regimen, utilizado como uma força pela mecanica social. É preciso também que esse sentimento possa adquirir ainda maior intensidade, se é possível, ou pelo menos resistir à deterioração progressiva que lhe assignalam.

A historia da maternidade é a demonstração viva dessa lei de solidariedade entre todos os seres organizados, que habitam o nosso globo: mas a cultura humana contrariou em todos os tempos a direcção superior que elle supõe, a organização nova que nella se encerra. Não ha senão dous modos racionais de promover a cultura e de apparellhar a civilização de uma raça: — escolher um sentimento fundamental, um instincto, uma tendencia geral da alma humana para dar-lhe a elasticidade comoortavel com as necessidades moraes da época, e assim funda-se um culto; — ou eleger entre as ideias, que constituem a propriedade solitaria de um pensador ou o patrimonio de um grupo de homens, aquellas que mais se afeiçoam à indole e aos habitos da massa, para torna-las o ponto obrigado das cogitações geraes: e deste modo estabelece-se, systematisa-se uma religião. Mas ahí temos duas faces do mesmo phenomeno. O rito e o dogma são a expressão, para assim dizermos, material, dos sentimentos e das ideias, que constituem a força real predominante na synthese religiosa. Resta outro meio, que chamaremos empirico, de supprir o vacuo das almas profugas das crenças e consolações hauridas na religião, mas que limita e restringe o problema, o *quid ignotum* da vida, do universo e do destino humano: é a sciencia.

Parece que o objecto e a definição mesma da sciencia estão em contradicção com o que se aspira e se procura ao pé dos altares, sob a abobada dos templos: mas, entretanto, é forçoso dar satisfação a esse desejo que tem muito de sensual para fundir-se e assimilar-se numa curiosidade severa, ou numa indagação scientifica.

Os Gregos e os Romanos, que fundaram a religião sobre o amor physico, foram povos religiosos, no sentido mais extenso da palavra. Os seus dogmas copiavam ingenuamente o sentimento primitivo que sobrenadava no tumulto decreescente dos instinctos selvagens. Por outro

lado, elles representavam nos mythos e nas cerimoniaes do culto os archetypos, os ideias que occupavam a cupula da sua civilização. A coragem (*virtus*), a piedade, a hierarchia, a belleza, a sabedoria, tinham cada uma seu symbolo material entre aquellos povos, peritos na cultura dessas disposições particulares, sem as quaes os homens não se abalançam a grandes coisas, antes vivem atolados no chão cenoso da rotina. Não foram elles que consagraram um templo à *piedade filial*, no mesmo sitio em que se passara a scena tocante descripta por Plinio?

O judeu, que se nos offerece como o typo essencialmente religioso, como o producto de uma selecção entre raças ou tribus polytheistas, dadas as praticas do fethismo e da idolatria, foi o *catholico* daquelles tempos em que a semente do christianismo ainda jazia sem humus. O *temor* e a *esperança*, jungidas a ameaça sempre impendente da anniquilação physica, foram as pedras basillares do edificio monumental, que resistiu durante seculos aos temporaes desleitos da discórdia e da conquista. O phenomeno mais importante da historia desses semitas foi a organização systematica do ensino *leigo e democratico*, ministrado a principio pelos prophetas, e continuado pelos scribas.

Olhada em globo a evolução das sociedades e dos imperios extinctos, nota-se que as religiões e as philosophias, as letras e a politica deram-se as mãos para adaptar a consciencia humana a uma formula, a um systema, a uma doutrina exclusiva. Fez-se assim a civilização de uma raça, de um povo, de uma parte mais ou menos consideravel do mundo habitado. Crearam-se zonas do pensamento, como fundavam-se colonias militares. Não tardou muito que o dogma matasse a moral, que o Estado absorvesse o individuo e a familia; mas dogma e estado são também atacados na sua constituição e no seu prestigio.

Ha quem diga que certos instinctos tendem a desaparecer. Não ha duvidar que elles vão perdendo da sua vivacidade primitiva, dessa espontaneidade sem a qual as religiões seriam impossiveis. Mas outros sentimentos offerecem um caracter moderno, e são por certo o producto da cultura dos seculos. A piedade, o pudor, a caridade, são aquisições que supõem um progresso moral. A emancipação da mulher, a extinção da escravidão e do proletariado, a humanidade para com os vencidos, a protecção às crianças, aos fracos e aos enfermos, — são aspirações e conquistas que o homem moderno perfeitamente concebe e das quaes elle tirará ainda novos desenvolvimentos. Se uma nova religião fosse possível, ella teria como pedestal alguns desses grandes instinctos, não sorprehendidos ainda pela reflexão sempre em busca de applicações e remodelamentos, que punham todas as forças da natureza num plano uniforme, sob uma disciplina estreita e mesquinha. Mas não é de receiar uma tentativa semelhante a quantas nos revela o martyrologio da humanidade, jogada sempre para um ou outro ponto do horizonte pelo braço do despotismo religioso e politico. O espirito critico do nosso tempo seria um broquel e uma forte arma de combate: elle serviria também de preservativo contra a exaggeração do sentimento religioso, de um como azêrbe opposto a violencia das paixões sectarias, ao desencadeamento da intolerancia e do fanatismo.

Quando os homens se reunirem para discutir sobre a escolha do seu *deus*, e voltarem as costas aos templos vazios e solitarios das religiões extinctas, perguntarão talvez se, do naufragio das tradições e das crenças amadas na infancia, restam alguns despojos, alguns fragmentos diante dos quaes se possa dizer, contrastando a apostrophe do *Faust*: *Isto é puro!*

O amor materno, cremos, apparecerá no meio de uma sociedade sceptica, fatigada de especulações metaphysicas, como o ultimo raio calido, como o ultimo phosphenia na imminencia de uma longa e tenebrosa noite. É crível que o homem, emancipado de suas erronias, na plenitude de sua força intellectual, robusto de alma e de corpo, senhor das riquezas naturaes e accumuladas, deixe de sentir-se ligado pelo coração e pelo espirito, à unica providencia que conheceu na vida, tanto mais engenhosa na ternura, tanto mais inabalavel no affecto, tanto mais divina no rosto e na alma, quanto mais duras, ingratas e miseraveis foram as condições e as phases do nosso destino?

Como quer que seja, a maior necessidade, a maior urgencia do tempo, é a educação. E se da educação não fizermos um culto, como da maternidade um altar, se não impellermos a cultura humana pelo caminho da sympathia, das grandes abnegações, se não fizermos da vida um

banquete em que todos se nutram, em que todos se amem, e se confortem,—teremos,—nós que nos volvemos em torno de um egoísmo intransigente e feroz, cultivado os fermentos de um immenso pantano, para envenenar a existencia das gerações futuras.

Mas não fallará quem diga: Como quereis acordar a fibra religiosa, se esta tem vibrado apenas na idade juvenil dos povos, nessa quadra das emoções ingenuas, dos fauceis enthusiasmos, das illusões mysticas e vaporosas, incompatíveis com as épocas em que o industrialismo domina, e o homem vive á cata não de imagens suaves e risónhas, mas de gosos sensuaes e vantagens positivas?

Não apresentamos ao nascer as rugas da senilidade? Nós, americanos, que nos julgamos de hontem, ainda proximos do berço, não offerecemos signaes evidentes de decadencia, como já se repete entre os sabios e escriptores do velho mundo?

Responderemos com um geologo e com um economista. O geologo diz: Quando penso que a ordem actual das cousas remonta a cincoenta ou sessenta seculos no maximo, sountentado a julga-la de hontem. Doze ou quinze vezes o numero de annos que pode viver um carvalho; cincoenta ou sessenta vezes aquelle que attingem muitas vezes os proprios homens, conduzir-nos-hiam alem do tempo em que a raça humana appareceu pela primeira vez no globo. Nós somos tão jovens sobre a terra, que não tivemos ainda o tempo de reconhecer a pequena porção de sua superficie que nos foi cedida pelo oceano.

Se esta convicção da mocidade da nossa especie tem alguma cousa de mortificante para nossa vaidade, eu vejo motivos nisto para que ella se entregue a esperanças de aperfeiçoamentos futuros. Somos ainda bem jovens para sermos sabios; e talvez os nossos vindouros rejeitarão com razão para a primeira infancia do mundo os nossos tolos preconceitos, as nossas ridiculas instituições, o nosso furor em nos destruímos, e esse pendor para medidas violentas que são repellidos tanto pela razão como pelo sentimento de humanidade.

O economista pondera: Nesta idade unica de transição todas as autonomias se oppõem. Dir-se-ha veridicamente que estamos em decadencia; será não menos verdade sustentar que estamos em progresso. E que com elleito não existe uma só sociedade, mas duas sociedades incompatíveis, supplementares uma da outra, uma á outra superpostas: uma sociedade de iniquidade que se vae putrefazendo, e uma sociedade de nova ordem, a do trabalho, que tende a se formar sobre a primeira.

E note-se mais o que estas palavras exprimem: — Os actos de moral pratica, exemplo de todos os dias, desinteressados, anonymos, em que o individuo sem mesmo ter o tempo de reflexão, arrisca a sua vida pela de outro, são raras vezes actos das classes distinctas. Lançar-se á agua para salvar um homem q' se afoga, precipitar-se ao encontro de um cavallo desenfreado, afastar um obstaculo á frente de um trem em movimento... eis o que fazem quotidianamente os miseraveis sem instrução nem educação que as pessoas bem educadas olham e tratam de tão alto.

Congreguemos em torno da criança, da geração que deve succeder-nos, a *paixão* e a *sciencia*. A paixão pelo ministerio sagrado das mães; a sciencia pela associação de todos os espiritos serios e reflectidos, de todas as intelligencias cultas. Se as mães oppõem a objecção da sua fraqueza, demos-lhes a força, a iniciativa, que lhes falta, pela liberdade, pela instrução, pela confiança. Se os homens de talento parecem hesitantes, se allegam as lacunas, as obscuridades da sciencia da educação, digamos-lhes que estão em atrazo lamentavel com o seu seculo, que a duvida dissipa-se, que a verdade levanta-se intemerata e fecunda das academias e das escolas, do gabinete do sabio e dos conselhos do governo, dos mais modestos como dos mais altos cimos do pensamento.

A educação não é mais uma theoria poetica, um romance engenhoso, em cujos episodios a imaginação se deleita, porem baldo de factos reaes e noções verificadas e precisas. A doutrina da *evolução*, imprimiu extraordinario impulso ás sciencias sociaes, cujos methodos melhoram á medida que se afastam do conceito aprioristico e da influencia da tradição metaphysica. A ethica, a jurisprudencia, a economia politica, a critica religiosa e litteraria, a pedagogia, não sendo mais simples registros de cogitações pessoas e abstractas, compartem, graças á hypothese da evolução scientifica, daquelle mesmo criterio que torna irrefragaveis as demonstrações e os resultados das sciencias physicas e naturaes. A psychologia solitaria, deductiva, sobre a qual se fundára a theoria da educação, succedeu o estudo dos phenomenos psychicos,

baseado sobre a comparação com outros phenomenos, da qual resulta o conhecimento da unidade entre a sciencia da alma e a da vida organica. O homem, a criança, como élos que são da longa cadeia dos seres foram postos em confronto com outros typos organicos, reconduzindo-se afinal o facto psychico ao facto biologico. Esta nova direcção consolidou e alargou o campo das investigações pedagogicas. De facto: á imaginação e ao empirismo dos observadores de outrora, a quem devemos algumas descobertas consideraveis, algumas deducções felizes, algumas applicações engenhosas na arte da educação, succedeu a exposição integral dos factos particulares e geraes, o computo de todos os desenvolvimentos proprios do ser humano em suas formas reaes e concretas. A luz deste criterio, não só podemos explicar diversas manifestações da actividade do espirito, como assentar as regras, os preceitos didacticos sobre indicações subministradas pelo proprio organismo, physico e moral. No ponto de vista que nos occupa, tudo na natureza subjectiva se patenteia como co-relação e analogia:—o trabalho psychico co-relage com o trabalho nervoso; as aptidões e as vocações suppõem a existencia de certas condições ingenitas ou hereditarias; os instinctos, por vezes selvagens da criança, as surpresas da criminalidade no adulto, a maior ou menor capacidade mental dos individuos, o caracter das raças e dos povos, os preconceitos, as superstições, a superioridade ou inferioridade dos sexos, as mil questões, finalmente, que sollicitam o exame dos sabios e pensadores, guardando entre si relações estreitas, aclaram-se de uma luz viva quando reconduzidas ao criterio superior e synthetico da doutrina da *evolução*. Assim como no individuo se refaz a vida da especie, assim tambem a pedagogia, que enfeixa os principaes aspectos da vida intellectual e affectiva, reproduz, de modo abreviado, na cultura do individuo, o progresso historico ascendente do corpo social e da civilização.

A INVENÇÃO DO CALAMO

(Tradução de epigramma grego)

Calamo fui, fui planta brava,
Que não dava
Pomo, ou ligo, ou cacho; não;
Virgem, como o côro Aonio,
Como a elle no Heliconio,
Me encantava a solidão.

Um passante em mim repara,
Pensa, para;
Uma idea lhe inspirei:
Chega, corta-me, e eu, silvestre,
Aparado por tal mestre
Mestre ao mundo me tornei.

Bebi lagrimas da aurora;
Bebo agora
Negra tinta e folgo mais;
Tenho voz, eu que era mudo;
Nada sei, e ensino tudo;
Torno os homens immortaes.

A. CASTILHO

O mundo !...

Não te ponhas a rir de cousa tão séria, meu rapaz. Tens diante dos olhos um kaleidoscopo: vistas variadas, bellezas apparentes que se transformam rapidas como todas as cousas ficticias.

O mundo não é um brinquedo de creança, ao passo que tu és um ingenuo espectador da comedia humana...

Vou erguer apenas uma pontinha do véo que te separa do mundo real.

Olha para aquelle quadro: São bemfeitores da humanidade que morreram de fome e de mi-

seria enquanto os reis inúteis e os potentados banqueteavam á custa do sangue e das lagrimas do povo...

Pensas viver em um mundo onde ha ordem, communhão, e amor do proximo? Escuta o que diz o proletario que soffre sede de justiça, a orphã que maculou a sua virgindade nos braços de um seductor... o velho soldado que sacrificou sua mocidade e derramou seu sangue pela patria, e o proletario, e a orphã, e o invallido te dirão o que é o mundo!...

Já tens ouvido dizer: infeliz de quem morre, e eu te digo: desgraçado de quem vive. «A vida resume-se apenas em uma agonia prolongada.» Só as inspirações harmonisam-se com o ether que respiramos e nos suavizam algum tanto os soffrimentos. Felizes podem ser somente alguns simples que acreditam nas recompensas eternas.

O mundo tem para ti todas as seducções, todos os encantos, e tu brincas contente, risonho como uma alma que sobrenada em oceano de perfume, espirito que só sente emanações doces, effluvios suaves que exalam as azas mysticas dos anjos da primavera.

Oh! quão felizes realmente não seríamos se pudessemos viver sempre essa vida descuidosa da mocidade!... Mas, se ainda mesmo nas primaveras ha tantas noites de tormentas e dias borrascosos!

Quantos jovens como tu, não têm chorado e maldito do seu viver ao mesmo tempo em que outros cantam alegres os hymnos do prazer e da ventura?

Olha, meu rapaz, não creias que o verdadeiro mundo seja esse que tu vês pelo prisma de tuas phantasias. O mundo real é uma cousa indefinível, um mundo cheio de vicissitudes e transições, repleto de maldade, de vícios e de enganos.

Queres saber onde habita a innocencia? Onde não ha especie humana.

Queres viver longe do egoismo, dos vícios e da imbecilidade? Foge de ti mesmo...

Se aspiras as alturas sociaes, riquezas e glorias, aperfeiçoa-te na arte do embuste e da bajulação prega a virtude por toda parte, lisongea a vaidade de todos os senhores da terra, nunca dês razão ao fraco contra o forte. Assim construirás para ti a escada magica por onde sobem todos os grandes da terra e ganharás a auréola resplandecente dos heroes.

Ha quantos mil annos os philosophos e os legisladores, os bardos e os prosadores, trabalham para aperfeiçoar as cousas do mundo social e até hoje esse mundo é um chãos medonho onde existem luz e sombra, flores e espinhos, hydromel envenenador, mananciaes ferventes, supplicios de Tantaló, confusão do amor e desespero, mistura do bem e do mal, do bello e do horrivel!

Os que têm pregado idéas santas de amor e de perdão, os que se têm deixado conduzir pela sciencia e pelos grandes principios donde resultam os progressos humanos, morrem crucificados como Christo, cegos como Gallileu ou envenenados como Socrates.

E eis ahí o mundo, eis ahí a sociedade humana — monstro de mil braços e de mil formas,

que ri-se muitas vezes e finge piedade para atrahir as suas victimas e depois devora-as.

Sabes tu, por ventura, o que é uma prostituta mentirosa até o cynismo, corrupta até a podridão, mas cheia de seducções para os que farejam os regalos da vida mundanal?

A sociedade é isso, mas anda mascarada, envolta em finos e delicados tecidos para que ninguém lhe descubra as pustulas repugnantes, nem as deformidades de sua estrutura hedionda.

Vive, porem, meu rapaz, a vida das illusões e esquece este quadro triste que te fiz ver da negra e fria realidade do mundo.

ALBINO SILVA.

NA ORLA DO ABYSMO

Levanta a timida fronte,
Sublime martyr do amor!
Contempla n'outro horizonte
Fulgido astro redemptor!

Poetica imagem da rosa
Que a amar se define e esvae,
Não sigas a mariposa
Que morre na luz que a attrahe!

Arranca ess'alma ao abysmo,
Onde a pode arremessar
A onda do fatalismo!

Eu venho-te aconselhar
Philosophia e estoicismo,
Para essa dor conjurar!

MARIANNA COELHO.

D'outros ceos

(Correspondencia do Rio)

28—Agosto—97

Escrivo desrespeitosamente deitando o papel sobre uma pagina transcendente e exotica de metaphysica buddhista. Se pois aqui vos apresentasse, com uma saudação, tres phrases de mystica reverencia sobre as quatro verdades sublimas reveladas pelo Çakyamouni ou uma dissertação sobre as doze condições que se encadeiam para produzir a Vida: «esta grande massa de males»!... — vós, leigo da Revelação contida no Tripitaka, completamente cego para vos encaimardes ao Nirvana, por desconhecêdesa Lei!.. horrivel!... Antes... antes, leitor delicado e amigo, nunca lesteis esta proza ensopada em Vulgaridade e o que vos fôsse apresentado antes fôsse leve folha transparente de papel de arroz, sobre a qual eu, a semelhança do poeta chinez, vos falasse na linguagem muda e chimerica dos lyrios ás andorinhas que fogem... ou então vos transcrevesse, n'aquelles caracteres (cujo unico conhecimento já constituem toda uma Sciencia colossal) e que se vêem sobre os pacótes de chá, em linhas parallelas—como as vinhas são plantadas—algum trecho arrancado a um dos livros santos de Fó!

Porém, não. Nada d'isto!

Mas porque ao d'aqui estender-vos a mão, phantasias vêm-me á cabeça, como abelhas ao lar da colmeia, zumbindo e agitando as azitas, até deixando a Epistola toda envolta na trama subtil de Sonhos esboçados ?

A alviçareira Imprensa alvoroça-se.

O *cholera* ! O *cholera* ! que de lá dos portos da Italia, talvez em *veston* de viagem, a chapelleira na mão, bonet grego á cabeça, binoculo a tiracóllo, como um *touriste* vulgar, tomou o seu bilhete de passagem a bordo do *Carlo II*, até este sólo da Patria !

O navio chegou. Como aquella mãe russa, que atirava a prôle aos lobos que a perseguiram, elle pelo oceano em fóra veio atirando cadaveres ás dezenas.

Vae voltar por ordem do Governo. Déram carvão ao esquife e elle partirá, como o navio antasma da legenda, no abandono da Morte que devasta, por sobre as espumas do mar vertendo as impurezas da *saine* que lhe escorre nas pranchas.

A Junta de Saúde foi de umasolicitude funesta. Deixem vir o *cholera* !

Traga-nos o *cholera* a cólera do Destino !

Estamos em plena Decadencia !...

Venha dar-lhe a ultima de mão, este mensageiro indiano, com a ferocidade inilludível d'aquelle Huno que no Imperio Romano até as hervas talou !

Que elle venha !

Surja então apóz a Destruição de sua mão, o Renascimento desejado.

Ao lymphatismo moral que nos quebranta, o plethorismo que nos fortaleça.

Porque o nosso Espirito enraizado n'essa degenerescencia collectiva da Vida Nacional, é como a figueira maldita pela bocca do nazareno Jesus !

Que elle venha—o *cholera* !

Pena que o seu sopro torpissimo, tenha a complacencia de deixar alguém que respire.

Devia elle a todos nós d'esta geração abater e que depois d'essa vasta Extincção, a Madre da Terra cuspiisse á Existencia o novo autochtone, que certamente não seria polluido como nós o somos pelas miseraveis heranças que trazemos desfeitas no sangue e argamassadas nos ossos.

Que então se seguisse a reconstrucção d'esta Patria, livre de nossas degradações e de nossa infinita Fraqueza !

Friagem que esta atmosphaera traz nas suas azas impalpaveis que foi capaz de atacar-me de sua rispidez penetrante ! Quando eu deveria escorrer o mel delicioso do atticismo na phrase e do optimismo de Candido nas idéas ; por causa desse leve sopro de hibernia longinqua, vou mandar vos n'um estylo incolôr, meia duzia de pensamentos convulsionantes, como os que agitavam a alma d'aquelle *psycopatha lucido*—o Hamlet da Dinamarca !

Influencias climatologicas ! vêde ? Se o Dia--o grão sacerdote da Luz na ornamentação de seus paramentos pontificaes assomasse cultural-

mente ao Oriente, elevando o fulvo evangelario do Sol, por entre a lithania solta das gargantas dos passaros, esta pobre e insipida *intenção* de chronica, pela influencia desse pomposo ritual (como os mais pomposos na lithurgia sagrada do Egypto) teria a imponencia antiga desses antigos papyrus que descreveriam esses cerimoniaes !

ALBERTO RANGEL.

MYSTICA

I

A Leoncio Correia

O inverno é branco... o vento é frio...
— O inverno desce um lençol branco,
E o vento estende-o... tão sombrio !
— O inverno mostra o lençol branco,
E o vento arrasta-o, rijo e frio...

Desce a poeira das geadas.
Sopram rebeldes as suestadas.
Ao vento asperrimo e sombrio
Gemem as franças enroladas
Num lençol branco
Serenos e frios !

Neve de manso... neve de manso
Pulverizando, recortando
No velho monte alvo capuz,
E alva mortalha na campina...
— Emquanto o sol, em tardo avanço,
Na alva escumilha da neblina,
Vae friorento repontando
A' meia luz.

Ai, coração frio, marmoreo !
O rijo inverno da descrença
Neva-te. A neve é fria e intensa !
O coração não geme, — dorme...
— Que nesta nevoa densa e enorme
Nem luz ao menos frouxa, dóre-o !
Que o coração, sem luz, sem crença,
Nem geme, — dorme...

Alma, resurge deste tumulo,
Dessa frieza giacial !
A indiferença é um cumulo !
A indiferença é um mal !
— Alma, não durmas nesse tumulo...

Porque rolar por esse abysmo,
Esse profundo abysmo insonte ?
Ergue-te ! Vês ? — Borda o horizonte
A' luz que espanca o mysticismo,
O arco-iris da alliança !

— E o inverno avança !... e o inverno avança !

— Que a mesma ave da descrença
Traga-te a luz, traga-te a vida !
Que n'uma alacridade immensa
Traga-te um ramo de esperança,
Alma querida ! alma querida !

DOMINGOS NASCIMENTO.

1893.

VISCONDE DE NACAR

A outro, que não a mim, devera tocar a dolorosa incumbência de abrir um triste parentese na vida harmonica e sonora da *Revista Azul*, para esboçar, a largos traços, a grande individualidade, para sempre desaparecida do mundo, do benemerito e preclaro cidadão Visconde de Nacar.

Em mim, talvez falem mais os impulsos do coração do que a serenidade da razão. Que importa? Si não venho biographar a poderosa mentalidade de um genio, venho fazer justiça a um caracter socratico, a uma alma spartana, a um coração de ouro, á vida gloriosa de um homem que, entre tantos outros, que viveram no seu tempo, debaixo do mesmo céu, soergueu mais alto o seu nome pelo longo e luminoso rosario de serviços prestados á causa do engrandecimento de sua terra.

Para mim, elle não foi um grande pela cumulação de distincções que recebeu: foi um grande pela honra, foi um grande pelo coração.

Sob a atmosphaera plácida e venturosa que crea o aconchego do lar, que palpita no riso da creança, no olhar dos filhos queridos, no sorriso da esposa venerada, ninguém foi maior do que elle, embora na vida publica fosse sempre o grande e incomparavel sol, que, mesmo em seu melancolico declinio, tivesse as largas fulgurações inaccessiveis aos pequenos astros, ainda mesmo em todo o esplendor do seu zenith...

Não possuia os fulgurantes lampejos do genio: tinha uma vasta e completa instrucção das cousas e em tão alto grao, que, as vezes, dava-lhe a estatura illuminada de um vidente.

Seu coração era como um ceo que se desdobrasse incommensuravelmente, sempre azul e tranquillo, e em cujo ambito brilharam muitissimos astros, alguns já apagados, outros em plena floração de luz, e ainda outros já sem o fulgor adamantino do sol em seu levante...

Quanto a mim, não sei de paranaense que mais merecesse do que elle.

Animou as letras e as artes; alforriou os seus escravos antes da lei de 13 de Maio, para cuja promulgação concorreu com o seu voto; foi bom e honesto, foi leal e nobre, e na esphera da actividade publica, galgou, palmo a palmo, todas as posições, que são dadas ambicionar ao homem politico.

A minha penna se embebe em lagrimas, para o cumprimento da missão a q' me quiz impor. Basta. As pulsações silenciosas do coração falam mais alto do que todos os estrépitos das homenagens posthumas. Por isso, hoje que estão fechados aquellos olhos, que animaram a tanta vida, seja-me dado o ultimo consolo, de derramar, sobre o seo tumulo recém fechado, uma lagrima, ao menos, das tantas e sinceras que derramei quando, como um funesto dobre de finados, a noticia de sua morte soou-me tristemente aos ouvidos...

LEONCIO CORREIA

Revista Azul

Recebemos o 1.º n.º d'esta interessante publicação quinzenal, que acaba de apparecer em Coritiba, da qual é director e proprietario o Sr. Julio Pernetta e redactor o Sr. Dario Vellozo.

A « Revista » segundo os dizeres de seu artigo de apresentação pretende occupar se exclusivamente de litteratura, offerecendo, como já offerece nesse seu 1.º numero, alguns bons e variados artigos de leitura amena.

Desejamos ao collega propicios ventos que o impulcionem para a existencia de longo e glorioso futuro.

(D' O Commercio)

Entrou-nos pelo escriptorio a dentro, rescendendo os mais esquesitos e orientaes perfumes — com todo o aprumo e faceirice de moça bonita e que sabe que o é, a mimosa e chic filha do Julio Pernetta e Dario Vellozo.

Catita, muito catita a « Revista, » com a sua soberba e esplendida toilette azul.

O « Campos Geraes » que sabe apreciar as regas da mais rigorosa etiqueta, não se demorará em retribuir a gentileza de sua formosa collega e quem sabe si o Dario ou o Julio não terão que responder a um pedido de casamento, feito com todas as formalidades?

Ah « Revista » « Revista » ! O « Campos Geraes », está mesmo perdido de amores ! !

(Do Campos Geraes)

E' il titolo di una nuova pubblicazione letteraria che ha veduto la luce in questi giorni. Avendone soltanto ieri l'altro ricevuto il secondo numero, abbiamo involontariamente omesso di parlarne nella passata domenica.

La *Revista Azul* che si pubblica due volte alla settimana, è di proprietà del signor Giulio Pernetta. Ne è redattore il signor Dario Vellozo.

Fra i collaboratori di questo secondo numero, vedo i nomi dei signori Cunha Brito, Coelho Netto, J. Tapitanga, e della signorina Marianna Coelho; infine tutta una schiera di giovani pieni di brio, di intelligenza e di spirito.

Augurando loro che la graziosa ed elegante rivista abbia vita prospera e lunga, li ringraziamo dell'offerta fattaci e li ricambiamo fin d'oggi col nostro modesto periodico.

(Do Corriere d'Italia)

LYRICO

Cada vez se confirma mais o que já dissemos: — a *troupe* do Sr. Cassone é uma companhia bem regular, possuindo algumas figuras bem salientes e dignas de figurar em companhias de maior responsabilidade.

Entretanto, o nosso publico não se tem portado na altura dos seus deveres concorrendo aos espectaculos, quando nada menos para dar prova do seo bom gosto.

Companhia como essa e por tal preço tão cedo não virá ao Paraná, principalmente deante da indiferença do nosso publico.

As operas cantadas ultimamente o tem sido de modo a satisfazer os mais exigentes.

O *Ruy Blas*, a grandiosa opera de Marchetti, teve uma execução harmonica e homogenea.

Nesta opera teve a Sra. Cartocci um dos seus mais importantes papeis, a que ella dá todo o realce. Ella soube ser uma rainha altiva e amorosa e, mais do que isso, soube cantar com uma doçura notavel toda a sua difficil parte, conquistando entusiasticos applausos do publico.

O Sr. Bersani, cuja voz é bem timbrada e volumosa, foi um *Ruy Blas* acima do vulgar, cantando com bastante sentimento.

Os Srs. Forti e Mori, como sempre : irrepreensiveis.

Os coros andaram bem afinados e a orchestra correctissima.

—O *Fausto*, a bella opera de Gounot, esse conjuncto de bellas melodias, foi a ultima opera que deo a companhia em recita de assignatura.

O desempenho da opera foi um verdadeiro triumpho para a companhia.

O papel de Margarida dizendo-se que esteve confiado á Sra. Cartocci tem se dito tudo.

Graça, sentimento, expressão, tudo ella soube imprimir á sua bella voz para interpretar a bella partitura do maestro francez. A bellissima aria das joias foi magistralmente cantada.

O Sr. Bersani foi regularmente bem no papel de *Fausto*, posto que não estivesse muito senhor do seo papel.

O Sr. Mori no papel de *Mephistopheles* esteve soberbo, sendo muito applaudido principalmente quando cantou a bella serenata do 3º acto.

O Sr. Forti, em secundario papel, o mesmo cantor de sempre.

—A *Traviata*, a bella partitura de Verdi, é bastante conhecida do nosso publico, o que não impede de ser sempre ouvida com interesse e prazer.

Esta opera é a pedra de toque para os sopranos e foi nella que a celebre Adelina Patti se immortalizou, conquistando a fama e o nome que conquistou.

Pois a Sra. Cartocci, sem querermos sujeital-a a confronto, tem nesta peça a sua mais bella criação, o que importa dizer que é uma cantora distincta e conscienciosa.

Toda a parte final do 1º acto ella cantou magistralmente, provocando os mais entusiasticos applausos do publico.

—Tivemos uma novidade artistica: a representação dos *1 due foscari*. O nosso publico foi que pareceo não ter dado pela cousa, por isso que deixou o theatro quasi vazio. Pois não sabe o que perdeu.

Esta opera de Verdi, ainda de nós desconhecida, é uma bella pagina musical, uma nota ininterrupta de melodia.

E os poucos que lá foram apreciaram immenso a *partitura* do velho Verdi e applaudiram immenso os artistas que realmente estiveram na altura da situação.

A parte confiada á Sra. Cartocci, no papel de Lucrecia, teve não pequenas difficuldades, mas ella soube vencel-as, cantando correctamente.

O Sr. Bersani esteve n'uma de suas noites felizes, arrancando entusiasticos applausos.

O Sr. Baracchi tem nesta opera o seo melhor papel, uma verdadeira criação. O publico disto convenceo-se logo, tanto que não poupou-lhe applausos.

O Sr. Mori—o mesmo artista intelligente de sempre.

O corpo de baile dansou nessa noite o lindissimo bailadoda *Gioconda* fazendo franco successo.

RESPIGAS

1—Dr. Charcot.—Começamos, leitora, desfolhando, em nome da «Revista», e nosso, sobre o tumulto do grande sabio todo um ramillete de goivos e saudades. Com o fallecimento do illustre clinico da Salpêtrière não foi só a França que perdeu um dos mais dilectos filhos, pois que a humanidade perdeu com ella um dos mais extremos irmãos.

2—Collaboradores.—Muito vae se enriquecendo nosso escritorio com a collaboração que nos chega quotidianamente.

No proximo numero conversarão as leitoras com o E. Montarroyose Saldanha Sobrinho,—já nossos conhecidos; com o Barros Pessoa, talentoso moço, cujo nome pela primeira vez fulgura no jornalismo paranaense.

Neste numero surgem brilhantemente,—alem do glorioso nome do Dr. Justiniano de Mello,—os de Albino Silva, Domingos Nascimento e Alberto Rangel. Aprecie a leitora o valioso trabalho do Dr. Justiniano, o pessemismo sympathico de Albino Silva, o nephylibatismo adoravel de Domingos Nascimento; e do Alberto Rangel o extraordinario *exquis* da forma castiça e original e toda aquella *revêrie* deliciosa, etherea, inimitavel.

3—Dias Braga.—(Como que vae,—leitora,—por este *noticiário-chronica, brie-a brac, a la diable, fin de siècle...*)

Disse-nos o Sr. Joaquim Silva,—e muito nos alegrou a nova,—o Dias Braga chegará brevemente a esta Capital, e com elle toda uma *troupe* encantadora de talentosos artistas.

Com certeza, Coritiba é o paraizo.... Já temos tido noites magnificas, graças á boa vontade do Sr. Cassone. Depois o Dias Braga deliciar-nos ha tambem.

Seja bemvindo.

4—Da lingua portugueza.—Agora rectificação necessaria. Em o numero passado, o artigo do Dr. Cunha Brito sahio com algumas incorrecções.

Onde se lê :—«pois não é possivel comprehender-se que, *por mais brandas*»,—leia-se :—que, *por meios brandos*,» e etc. E onde se lê :—«A essa torrente de gallecismos escaparam os *fructos* da epocha,» leia se :—escaparam os *poetas* da epocha, e etc.

5—A' Imprensa.—Em nome da *Revista Azul*, penhoradissima para com os collegas, pelo modo cavalheiroso e amigo por que tem sido tratada, agradecemos á Imprensa as gentilezas todas de que temos sido alvo.

6—Com o Correio.— Queixam-se alguns dos nossos assignantes do não recebimento da *Revista*. Temos, com regularidade, remettido ao Correio os exemplares devidamente subscriptados...

Do respeitavel funcionario, chefe da Repartição, solicitamos, pois, o obsequio de providenciar para que a distribuição de nossa folha seja feita com mais regularidade.

No proximo numero, palestraremos, leitora, a respeito de algumas novidades litterarias que temos encontrado na antiga *Livraria Queiroz*.

Até breve.

A MINHA DOR

Meiga, tão meiga, a mim quanto ella amava.
E eu a queria tanto. Era a bonança.
Eram meos os carinhos que ella dava,
Eram d'ella os meos risos de creança.

Mas a morte impiedosa, a morte cava,
Um dia arrebatou-a; que mudança:
Em vez do tanto amor que me votava,
O atroz dezereto da desesperança....

Fiquei sem mão. Faltou ainda isto
Para esse deos martyrisado e pulchro
Que pregou a resignação, pois Christo

Soffreu a dôr mais negra da agonia;
Porem não vio sahir para o sepulchro
A mãe querida, amortalhada e fria.

SILVEIRA NETTO.

MENDIGO

Amochilado pela idade, longas barbas brancas cahindo-lhe sobre o peito, esfarrapado capote sobre os hombros, velha rabeca debaixo do braço, elle pedía esmola, e, por cada esmola que lhe davam, agradecia arrancando do seo instrumento notas, ora vibrantes como gritos de alma revoltada; ora ternas e suaves como a musica do primeiro beijo.

E assim vivia honestamente o pobre velho. Um dia vi-o, rodeado por bando alegre de creanças que o escutavam. Sentado sobre as pedras frias da calçada elle tocava e parecia sorrir, com a felicidade ingenua dos infantes; deixando porem, correrem vagarosamente pelas faces enrugadas duas grossas lagrimas que desapareciam silenciosas por entre as longas barbas brancas que lhe cahiam sobre o peito.

Senti pelo pobre velho o respeito religioso que nos inspiram todos os que vivem esmolando; interroguei-o; fitou-me melancolicamente baixando de novo os olhos para a rabeca, seo unico confidente, unindo-a ao peito, estreitando-a mais, como se o instrumento podesse, indiscretamente, revelar-me o segredo que vivia sepultado no tumulto vasio de suas illusões.

JULIO PERNETTA.

PERSEVERANDO

Mimosa jurity amo em segredo.
Me atormenta este amor e me inebria:
Medito longe della com tristeza,
Junto della minh'alma se extasia.

A sua bocca a um botão é parecida.
Da rosa semi-aberta, a pedir beijos;
Seus olhes são dois pontos de azeviche
Que brilham inflammados de desejos.

O seu sorriso é o sol da minha vida,
Brilhando-lhe na bocca purpurina,
Embriagam-me de amor... Vibram-me n'alma
As notas da sua voz nervosa e fina.

Sensação corrosiva, electrizante.
Na loucura fatal de sonhos quentes.
Se filtra no meu sangue quando vejo
Soltas as tranças como duas serpentes.

...Serpentes negras! quero ser suicida.
Pindar entre gemidos amorosos!
Matue-me lentamente, lentamente,
Preso, bem preso, nos anneis sedosos!

ANTONIO BRAGA.

EXPEDIENTE

Os Srs. Collaboradores da "Revista Azul" assignarão sempre os seus artigos.

Os artigos não assignados ficam sob a responsabilidade directa da Redacção.

Caso a "Revista Azul" suspenda a publicação antes de expirado o praso das assignaturas, será pelo Director restituída aos Srs. Assignantes a importancia concernente aos mezes restantes.

Por conveniencia do serviço, a cargo do Director, as assignaturas serão cobradas até Dezembro do vigente anno.